

Perda de Figuras Parentais por Crianças e Adolescentes na Pandemia de COVID-19: Implicações Desenvolvimentais e Contribuições à Prática Sistêmica

Beatriz Schmidt¹

Bruna Larissa Seibel²

Nicolle Bretos Lopes³

Manoela Kaul⁴

Amanda Schöffel Sehn⁵

Daniela Barsotti Santos⁶

Isabela Machado da Silva⁷

Resumo

Este estudo analisou as possíveis implicações da perda de figuras parentais para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e famílias no contexto da COVID-19, trazendo considerações para a prática sistêmica. Por meio de revisão narrativa da literatura, constatou-se que embora o luto possa representar um risco ao desenvolvimento, seus impactos dependerão de fatores como qualidade do vínculo com a pessoa falecida, com o cuidador sobrevivente e com a rede socioafetiva, modo como se deu a morte, aspectos culturais e espirituais/religiosos, habilidades cognitivas e enfrentamento a outras situações adversas. A morte de uma figura parental afeta o sistema familiar como um todo, demandando sua reestruturação. Particularidades da pandemia, como sobreposição de eventos estressores, imprevisibilidade da morte e modificação de rituais de despedida podem representar desafios adicionais ao processo de luto. Aspectos como coesão, flexibilidade, comunicação e configuração familiar, história multigeracional e redes de apoio social devem ser consideradas por terapeutas de família, favorecendo a atribuição de sentido à perda. Ademais, não é possível generalizar uma forma de cuidado a todas as famílias de crianças e adolescentes enlutadas, sendo necessário analisar as demandas singulares de cada caso, bem como o contexto em que inserem as famílias.

Palavras-chave: luto, infância, adolescência, terapia familiar, COVID-19

Parental Loss During Childhood and Adolescence in the COVID-19 Pandemic: Developmental Implications and Contributions to Systemic Practice

Abstract

This study analyzed the possible implications of the loss of parental figures for the child, adolescent and family development in the context of COVID-19, bringing such considerations to systemic practice. Through a narrative review of the literature, it was found that although grief may represent a risk to development, its

¹ Psicóloga, Especialista em Saúde da Família e Mestre em Psicologia pela UFSC. Doutora em Psicologia pela UFRGS. Docente do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FURG.

² Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRGS. Formação em Terapia de Casais e Famílias pelo INFAPA.

³ Acadêmica de Psicologia da FURG. Bolsista de iniciação científica da FAPERGS, no projeto "Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19: Um Estudo Qualitativo".

⁴ Acadêmica de Psicologia da FURG. Voluntária de pesquisa no projeto "Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19: Um Estudo Qualitativo".

⁵ Psicóloga pela UFSM. Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRGS. Docente do Curso de Psicologia da UNIJUÍ.

⁶ Psicóloga pela UNESP. Mestre em Psicologia e Doutora em Enfermagem pela USP. Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FURG.

⁷ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRGS. Especialista em Terapia de Família pelo Domus. Docente do Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB. Tutora do PET Psicologia UnB. Bolsista FNDE/MEC.

impacts will depend on factors such as the quality of the bond with the deceased person, with the surviving caregiver and with the socio-affective network, the way in which the death occurred, cultural and spiritual/religious aspects, cognitive skills and coping with other adverse situations. The death of a parental figure affects the family system as a whole, requiring its restructuring. Particularities of the pandemic, such as overlapping stressful events, unpredictability of death and changes in farewell rituals could represent additional challenges to the grieving process. Aspects such as cohesion, flexibility, communication and family configuration, multigenerational history and social support networks may be considered by family therapists, contributing to the meaning-making in loss. Furthermore, it is not possible to generalize a form of care for all families of bereaved children and adolescents; therefore, it is necessary to analyze the unique demands of each case, as well as the context in which the families are embedded.

Keywords: *grief, childhood, adolescence, family therapy, COVID-19*

A COVID-19 foi uma das emergências de saúde pública mais letais das últimas décadas, vindo a ser nomeada por alguns autores como “tsunami da morte” (Asgari et al., 2021). No final de 2023, o número de óbitos no mundo ultrapassou sete milhões (World Health Organization [WHO], 2024), sendo aproximadamente 709 mil em território brasileiro (Brasil, 2024). Dessa forma, o Brasil concentrou em torno de 10% das mortes que ocorreram mundialmente por COVID-19, embora represente apenas 3% da população global (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023). Assim, no contexto atual, considera-se o surgimento de uma nova pandemia: a pandemia de luto (Gray et al., 2022).

O luto se refere a um processo normativo de adaptação às perdas, que envolve inquietações e transformações emocionais e cognitivas, assim como sensações físicas e mudanças comportamentais (Worden, 2018). Apesar de ser uma transição dolorosa, a maioria das pessoas consegue elaborar o luto de forma saudável (Crepaldi et al., 2020; Santos et al., 2021). Entretanto, esse processo pode ser particularmente complexo para crianças e adolescentes (Asgari et al., 2021), sobretudo quando se trata da perda de figuras parentais (i.e., mãe, pai ou outros cuidadores). No Brasil, até abril de 2021 (i.e., após o período mais letal da pandemia no país), aproximadamente 113 mil crianças e adolescentes experienciaram a morte da mãe, do pai ou de ambos por COVID-19. Esse número chega a 130 mil ao incluir casos com avó/avô como cuidador principal (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2021).

A morte de adultos de referência é um dos principais estressores que pode ser vivenciado nas duas primeiras décadas do ciclo vital (Bylund-Grenklo et al., 2016; Gorman & Arnold, 2017). Tal acontecimento desencadeia sofrimento e medo, que se constituem em fatores de risco para problemas socioemocionais e comportamentais na infância e na adolescência (Jiao et al., 2021). Ademais, os efeitos do luto pela perda das figuras parentais nesses estágios do desenvolvimento podem se prolongar, com chances de sintomas depressivos ou dificuldades para formar e manter relacionamentos íntimos na vida adulta (Worden, 2018).

Diante do exposto, o objetivo desta revisão narrativa da literatura é analisar as possíveis implicações da perda de figuras parentais para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e famílias no contexto da COVID-19, trazendo considerações para a prática sistêmica. Espera-se que o presente estudo também sirva de base para reflexões sobre a perda parental em outras circunstâncias e que traga contribuições ao atendimento a famílias de crianças e adolescentes em novas emergências de saúde pública, na perspectiva de olhar para o passado e se preparar para o futuro.

Implicações da Perda de Figuras Parentais para o Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes

As perdas fazem parte da condição humana e são experienciadas cotidianamente (Schmidt et al., 2022), desde os primeiros anos de vida, a exemplo da mudança da família para uma nova localidade, do divórcio dos pais ou da morte de um animal de estimação (Rabenstein, 2017). A maioria das crianças e dos adolescentes se adapta e até cresce positivamente a partir dessas experiências, ainda que extremamente dolorosas (Asgari et al., 2021; Rabenstein, 2017; Worden, 2018).

Independentemente do estágio do ciclo vital, o luto é experienciado de maneira particular por cada pessoa, a seu próprio tempo, caracterizando-se como um processo fluido e não linear, cujas tarefas são revisitadas e reexperimentadas ao longo dos anos (Santos et al., 2021; Worden, 2018). Sabe-se que diferentes fatores influenciam a experiência do luto, tais como a qualidade do vínculo com a pessoa falecida e com o cuidador sobrevivente ou a rede socioafetiva, o modo como se deu a morte, aspectos culturais e espirituais/religiosos, habilidades cognitivas, bem como exposição prévia e enfrentamento a outros eventos complexos (Asgari et al., 2021; Rabenstein, 2017; Santos et al., 2021).

Quanto mais emocionalmente significativo o relacionamento com o cuidador que faleceu, maiores as repercussões no desenvolvimento da criança ou do adolescente (Gorman & Arnold, 2017). Em geral, a perda da mãe é mais desfavorável em comparação à perda do pai, possivelmente porque, em diferentes culturas, a mulher é a principal responsável por cuidados aos filhos e tarefas domésticas, de forma que sua morte pode trazer mais alterações à rotina e à dinâmica familiar, associando-se a maiores níveis de ansiedade e a menores níveis de autoestima e autoeficácia em crianças e adolescentes (Worden, 2018).

A compreensão sobre questões relativas à finitude da vida sofre alterações ao longo da trajetória de desenvolvimento (Asgari et al., 2021; Revet et al., 2018; Worden, 2018). Até dois anos de idade, por exemplo, não há entendimento sobre a morte, ao passo que, entre dois e quatro anos, ela é entendida como um evento reversível, similar ao sono, ou seja, como se a pessoa que morreu estivesse dormindo e pudesse acordar em algum momento (Revet et al., 2018). A noção de irreversibilidade da morte começa a se consolidar sobretudo entre quatro e seis anos (idade pré-escolar), estágio também caracterizado por egocentrismo e pensamento mágico, o que faz com que as crianças possam apresentar sentimento de culpa e arrependimento, associando a perda a seus próprios comportamentos e pensamentos (Santos et al., 2021). Com a proximidade da idade escolar, ocorre a preocupação com o bem-estar de outros familiares ou membros da rede socioafetiva diante do óbito (Rabenstein, 2017; Santos et al., 2021) e, com a proximidade da adolescência, a compreensão da causa da morte (Revet et al., 2018).

Em bebês e crianças pequenas, as principais reações de luto envolvem irritabilidade, problemas com o sono, regressão a estágios desenvolvimentais prévios, afastamento emocional e medo de abandono ou ansiedade de separação (Rabenstein, 2017; Revet et al., 2018). A partir da idade pré-escolar, as crianças podem perguntar sobre aspectos relativos à pessoa que faleceu ou à finitude da vida (p. ex.: “Para onde foi o papai?” ou “Por que todo mundo está triste?”; Rabenstein, 2017) e reproduzir histórias associadas à perda, para auxiliar no processo de atribuição de sentido (Gorman & Arnold, 2017). Dentre crianças em idade escolar, prejuízos no desempenho acadêmico são comuns (Revet et al., 2018). Destaca-se também a

possibilidade de ocorrência de ideação suicida nesse estágio, quando as crianças passam a pensar que, ao morrer, teriam a oportunidade de se reunir com o cuidador falecido (Gorman & Arnold, 2017).

Em linhas gerais, há uma tendência de que o processo de luto se apresente de forma episódica (i.e., em pequenas doses) na infância, o que permite à criança manejar o sofrimento à medida que consegue (Gorman & Arnold, 2017). Uma estratégia recorrentemente empregada pelas crianças para lidar com a perda é o brincar, inclusive utilizando temáticas relativas à morte, comportamento nem sempre compreendido pelos adultos (Santos et al., 2021). Nessa direção, destaca-se que as crianças observam os adultos para entender o que a perda evoca neles (Asgari et al., 2021), sendo que isso pode levá-las a expressar ou reprimir seus próprios sentimentos (Gorman & Arnold, 2017).

Na adolescência, por outro lado, o processo de luto se assemelha ao experienciado na adultez (Rabenstein, 2017), face à consolidação do pensamento abstrato, com o entendimento de que a morte é um evento irreversível e universal (Asgari et al., 2021; Santos et al., 2021). Contrastando com a infância, sentimentos de solidão, vulnerabilidade e necessidade de controle são mais frequentes na adolescência, o que, junto à busca pela independência, característica desse estágio desenvolvimental, pode resultar em afastamento das relações interpessoais e manifestações de agressividade como estratégias para gerenciar as emoções (Gorman & Arnold, 2017; Revet et al., 2018).

Tarefas desenvolvimentais típicas da adolescência (p. ex.: identificação com pares, diferenciação da família e consolidação da identidade) podem estar sob risco com a perda parental, pois os adolescentes se sentem diferentes de seus pares e, embora precisem de suporte, tendem a silenciar (Santos et al., 2021). Logo, o cuidador sobrevivente costuma enfrentar dificuldades na oferta de apoio, especialmente se está sobrecarregado com as tarefas do luto. O adolescente também pode não buscar suporte junto aos pares, para não se diferenciar deles frente à vivência única de perda parental (Gorman & Arnold, 2017).

Dentre as reações relativamente frequentes de luto na adolescência, estão também problemas de concentração, baixo rendimento escolar e comportamentos de risco, tais como uso de álcool e outras drogas (Revet et al., 2018). Adicionalmente, dado que os adolescentes costumam pensar sobre questões existenciais na consolidação da própria identidade, a morte de uma pessoa significativa pode desencadear reflexões sobre o sentido da vida (p. ex.: “Por que eu estou vivendo?”; “O que aconteceria se eu morresse?”), aumentando o risco para ideação e comportamento suicida (Rabenstein, 2017). Nesse sentido, a adolescência é um período particularmente vulnerável no que diz respeito à perda parental, em função da sobreposição desse estressor àqueles referentes à transição de estágio do ciclo de vida, com implicações tanto no período da perda quanto ao longo do tempo (Bylund-Grenklo et al., 2016).

Grosso modo, frente à perda parental, crianças e adolescentes experienciam uma ampla gama de emoções, cognições, sintomas físicos e mudanças comportamentais (Revet et al., 2018; Santos et al., 2021). Ainda que a perda das figuras parentais na pandemia possa trazer repercussões negativas em curto, médio e longo prazo, o impacto de um evento traumático como esse pode não ser unicamente negativo (Gray et al., 2022; Prime et al., 2023). Nessa direção, um fenômeno que se destaca é o crescimento pós-traumático, pois mesmo um acontecimento profundamente triste pode se associar a mudanças positivas, como maior apreço pela vida, reconhecimento da própria força pessoal e fortalecimento de relacionamentos íntimos (Gray et al., 2022). Assim, crianças e adolescentes que perderam figuras parentais podem experimentar um aumento na capacidade empática, não necessariamente no período imediatamente após a perda, mas

também ao longo dos anos (Gorman & Arnold, 2017). Com o passar do tempo, a maior compreensão sobre a morte permite que a criança ou o adolescente (mesmo se tornando jovem ou adulto) atribua diferentes sentidos à perda, resignificando sua trajetória de vida (Revet et al., 2018).

Crianças e adolescentes apresentam uma capacidade notável de adaptação, podendo transcender a situação de morte dos cuidadores para crescimento pessoal (Gorman & Arnold, 2017). Para fazê-lo, porém, a maioria deles necessitará do apoio de adultos sensíveis, atenciosos e informados (Gray et al., 2022), visto que os processos de resiliência, fundamentalmente, têm como base os relacionamentos (Prime et al., 2023). Para que se possa promover esse apoio, é necessário compreender não apenas o impacto que a perda de uma figura parental exerce sobre a criança ou o adolescente, mas como todo o sistema familiar é impactado (Jiao et al., 2021; Schmidt et al., 2022), conforme será visto a seguir.

Implicações da Perda de Figuras Parentais para o Desenvolvimento da Família

A perda de um membro da família representa uma crise para o sistema familiar, demandando transformações nos relacionamentos entre os sobreviventes, redistribuição de papéis e reorganização da rotina (McGoldrick & Walsh, 2014; Moore, 2018; Nadeau, 2001). Os papéis exercidos pelas figuras parentais são fundamentais para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, de modo que, quando uma delas falece, é desafiador realizar esse processo de reestruturação (McGoldrick, 1998). Em paralelo, o sistema familiar também se vê diante da necessidade de lidar cognitivamente e emocionalmente com a perda, o que não significa chegar a uma “resolução, mas colocar a perda em perspectiva e dar continuidade à vida” (McGoldrick & Walsh, 2014, p. 274). Atribuir sentido à perda permite à família integrá-la à sua identidade e narrativa compartilhada, favorecendo a capacidade de olhar para o futuro.

Vários fatores podem afetar a forma como a família responde à perda: sobreposição de eventos estressores, tipo de morte, momento do ciclo de vida em que o óbito ocorreu e relações entre os membros da família, tanto no que tange à relação entre os sobreviventes, como dos sobreviventes com a pessoa que faleceu (McGoldrick & Walsh, 2014). Também são relevantes o apoio social, a história multigeracional e a configuração familiar. A seguir, detalha-se cada um desses fatores, considerando particularidades da pandemia de COVID-19, para favorecer a compreensão das experiências das famílias com crianças e adolescentes e a definição de metas terapêuticas em práticas sistêmicas no contexto da perda parental.

Sobreposição de Eventos Estressores

A pandemia de COVID-19 foi marcada pela sobreposição de uma série de eventos estressores, tais como o distanciamento social, a mudança de rotina, a diminuição de renda, o desemprego e as mortes decorrentes da infecção pelo novo coronavírus (Schmidt et al., 2022). Essa sobreposição costuma se apresentar como um complicador no processo de luto (McGoldrick & Walsh, 2014).

Um estudo qualitativo conduzido por Paiva (2023) com brasileiras que perderam dois ou mais familiares por COVID-19 revelou relatos de tristeza, angústia, sobrecarga, incredulidade frente à sequência de óbitos, necessidade de ajustamentos em diferentes âmbitos das dinâmicas familiares e dificuldades na elaboração do luto, com a percepção de que o processo de luto precisou ser postergado ou interrompido para a resolução de questões práticas referentes ao adoecimento, à hospitalização ou à morte de outro familiar.

Esse estudo e outros realizados internacionalmente evidenciaram desafios adicionais quando foram os provedores financeiros das famílias (i.e., as figuras parentais, comumente) que morreram, porque a vivência da dor pelas perdas se somou às dificuldades para subsistência, em uma nova sobreposição de estressores (Paiva, 2023; Roberts et al., 2023; Santos et al., 2021).

Tipo de Morte

A COVID-19 se caracterizou pela rápida evolução dos pacientes a óbito (Crepaldi et al., 2020; Santos et al., 2021). Portanto, grande parte dessas mortes foi inesperada, o que torna difícil para a família se preparar e dizer adeus (McGoldrick & Walsh, 2014). As medidas preventivas de distanciamento social afetaram rituais de despedida e cerimônias fúnebres tradicionalmente realizadas em diferentes culturas (Crepaldi et al., 2020; Santos et al., 2021). Devido aos protocolos de restrição a visitas hospitalares, muitos indivíduos e famílias não tiveram a oportunidade de se despedir presencialmente de seus entes queridos antes do óbito (Asgari et al. 2021; Schmidt et al., 2022). A impossibilidade de ver o corpo, pelo uso de caixão lacrado para evitar a contaminação póstuma, associou-se à incredulidade sobre o falecimento (Paiva, 2023). Adicionalmente, em função da morte solitária e da não realização de um funeral considerado digno com base nos padrões culturais até então estabelecidos, evidências empíricas revelaram a frequente manifestação de sentimento de culpa dentre enlutados pela COVID-19 (Asgari et al., 2021).

Para crianças, participar de rituais de despedida ou cerimônias fúnebres tende a trazer conforto e reduzir a percepção de falta de controle (Gorman & Arnold, 2017; Santos et al., 2021). Em alguns casos, a dificuldade de participar desses momentos em decorrência da pandemia afetou a concretização da perda parental e o processo de luto (Santos et al., 2021).

Em adolescentes, observaram-se sentimentos persistentes de choque e negação diante da perda inesperada da figura parental no contexto da COVID-19, bem como culpa por não terem acompanhado presencialmente a internação hospitalar da mãe, do pai ou do cuidador de referência (Asgari et al., 2021). A ausência de cerimônia fúnebre e o distanciamento físico de familiares e amigos (especialmente pelas aulas e demais atividades na modalidade remota) ampliaram o sentimento de solidão dos adolescentes.

Momento do Ciclo de Vida Familiar

No caso da morte de uma mãe ou de um pai de crianças ou adolescentes em uma pandemia como a de COVID-19, o sistema familiar se encontra em uma fase do ciclo vital em que a morte não é esperada (Crepaldi et al., 2020; McGoldrick & Walsh, 2014). Essas mortes costumam ser vistas como precoces e injustas. Por não serem vivenciadas pela maioria das pessoas naquela faixa etária, é difícil para os sobreviventes terem modelos de luto nos quais possam se embasar ou construir uma rede de apoio composta por pessoas que passaram por situação semelhante.

A perda do cônjuge “está associada à perda de múltiplos papéis. O cônjuge não era apenas um marido ou uma esposa, em sentido amplo, ele ou ela era amigo, confidente, amante, provedor, fonte de apoio e, em alguns casos, a cara-metade” (Humphrey & Zimpfer, 2008, p. 74). Assim, a morte de um parceiro está associada a risco elevado de problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade (Humphrey & Zimpfer, 2008; Worden, 2018). Contudo, as implicações costumam ser relativamente mais profundas quando a viuvez ocorre em pessoas mais jovens, mães ou pais de crianças e adolescentes, sobretudo nos dois primeiros anos que se sucedem ao óbito (Worden, 2018).

Nesse contexto, além de manejar seu luto pelo cônjuge, o cuidador sobrevivente precisará apoiar os filhos, que perderam uma de suas figuras parentais, bem como lidar com a carga de responsabilidades e o estresse gerado por agora ser o cuidador principal e, talvez, o único (Williams, 2023). Tem-se, portanto, uma ampla reorganização de papéis familiares, responsabilidades e planos para o futuro (Jiao et al., 2021; Williams, 2023). Em decorrência dessa sobrecarga emocional e de tarefas, pode haver redução de disponibilidade emocional e de tempo para se relacionar com os filhos (Jiao et al., 2021; Schmidt et al., 2022; Williams, 2023). Logo, ainda que busque “manter a normalidade” e esteja atento ao sofrimento dos filhos, a sobreposição de estressores pode afetar a capacidade do cuidador sobrevivente de oferecer apoio e exercer a parentalidade, com repercussões também ao funcionamento de crianças e adolescentes (Worden, 2018).

Relações entre os Sobreviventes

A relação de crianças e adolescentes enlutados com o cuidador sobrevivente tende a representar um fator de proteção na forma como o luto será vivenciado (Worden, 2018). Nesse sentido, relações flexíveis e caracterizadas por uma boa comunicação e coesão tendem a favorecer os processos de resiliência (Olson, 2000; Walsh, 2005).

A flexibilidade se mostra presente quando os membros da família aceitam que cada um lidará com o processo do luto à sua própria maneira, sem impor padrões pré-definidos, com abertura para assumir novos papéis e tarefas, em prol do funcionamento familiar (Humphrey & Zimpfer, 2008). Por outro lado, famílias rígidas (i.e., com pouca flexibilidade) apresentam maior dificuldade para realizar as mudanças necessárias diante de uma morte (Nadeau, 2001). Os membros dessas famílias sentem que não podem, não devem ou não são capazes de assumir papéis e tarefas anteriormente desempenhadas pela pessoa que se foi (Humphrey & Zimpfer, 2008). Assim, a família pode se sentir estagnada, sem conseguir responder aos novos desafios que se apresentam (McGoldrick, 1998).

Outro elemento central do funcionamento familiar é a coesão ou o senso de ligação emocional entre os membros, que se refere ao apoio intrafamiliar e ao sentimento de união (Olson, 2000). A expressão de afeto, a proximidade e a percepção de que podem contar uns com os outros atuam como fatores de proteção aos impactos do luto na família (Walsh, 2005). Também favorecem processos comunicacionais, pois as pessoas se sentem mais confortáveis para expressar ideias e emoções, o que por sua vez contribui para a proximidade e o apoio mútuo, levando a um ciclo virtuoso (Humphrey & Zimpfer, 2008; Olson, 2000).

Um processo comunicacional que seja compreensível aos diferentes membros da família e que contribua para a expressão emocional e a resolução de problemas é um dos pilares da resiliência familiar, de modo que, quando prejudicado, pode afetar a adaptabilidade a eventos estressores (Prime et al., 2023). Tanto no caso de crianças como no de adolescentes, é importante que se tome cuidado para que, na tentativa de proteger seus sentimentos, eles não sejam excluídos da experiência compartilhada do luto, o que tende a gerar confusão e isolamento (McGoldrick, 1998; McGoldrick & Walsh, 2014). O diálogo aberto permite que dúvidas, angústias e necessidades sejam compreendidas e acolhidas (Gorman & Arnold, 2017). Esse diálogo deve fornecer informações honestas e sanar dúvidas e angústias que crianças e adolescentes nessa situação costumam apresentar, permitindo que eles compreendam que continuarão sendo cuidados, com segurança e afeto, que não são culpados pelo que ocorreu e que seus sentimentos são válidos e

importantes. A comunicação também pode contribuir para criar formas de se recordar do cuidador que faleceu e reorganizar a rotina (Worden, 2018).

As três dimensões das relações familiares aqui abordadas – flexibilidade, coesão e comunicação – podem também favorecer ou dificultar o processo de atribuir significados à perda. De acordo com Nadeau (2001), os significados se referem à forma como cada membro da família compreende a realidade. No entanto, essa compreensão é construída a partir das trocas realizadas no sistema familiar, quando seus membros compartilham histórias, sonhos e coincidências percebidas, abordam como cada um enxergava a pessoa que se foi, realizam comparações entre perdas já vivenciadas ou observadas e interagem de forma ativa, fazendo perguntas ou complementando as falas uns dos outros. A atribuição de significados costuma ser estimulada pela proximidade entre os membros do sistema familiar, quando as famílias possuem muitos rituais ou quando conversam com outras pessoas significativas sobre a perda. Por outro lado, é dificultada quando a família apresenta regras rígidas sobre como o luto deve ser vivenciado e como as pessoas devem se comunicar ou quando os membros da família não se sentem confortáveis para dialogar entre si.

Relações entre os Sobreviventes e a Figura Parental Falecida

A qualidade das relações estabelecidas antes da perda impacta a forma como o luto será vivenciado. Relações conflituosas ou com questões pendentes podem complicar o processo (McGoldrick & Walsh, 2014). Assim, um desafio característico da pandemia de COVID-19 foi a imprevisibilidade da morte e a dificuldade para realizar momentos de despedida (Crepaldi et al., 2020). Muitos sobreviventes foram privados da oportunidade de uma última conversa, que poderia se mostrar apaziguadora ou reparadora da relação (Schmidt et al., 2022). Por exemplo, companheiros, crianças ou adolescentes que brigaram com o ente querido na véspera de ele ser internado e, então, nunca mais o viram podem carregar a dúvida sobre como a pessoa que faleceu se sentia em relação a eles antes de morrer e se isso contribuiu, de alguma forma, para o óbito, o que tende a gerar culpa e complexificar o processo de luto.

Redes de Apoio Social

As redes de apoio social tendem a representar uma importante fonte de suporte aos filhos e companheiros enlutados. No entanto, esse processo foi dificultado no contexto da COVID-19 (Prime et al., 2023). Devido às medidas de distanciamento social, não era possível o contato face a face para receber e oferecer apoio diante da dor da perda ou para honrar a memória do familiar falecido em velórios e enterros (Crepaldi et al., 2020). Essas cerimônias fúnebres usualmente concentram muitas pessoas e incluem manifestações de consolo e conforto físico entre os presentes, tais como toques, abraços, apertos de mão e conversas próximas, o que foi proibido ou restrito durante a pandemia, especialmente antes da ampla disponibilidade de vacinas (Asgari et al., 2021).

Embora as redes de apoio social representem um importante fator de proteção, elas também podem atuar como estressores adicionais (Moore, 2018). Opiniões e julgamentos sobre como a família está vivenciando o luto, incluindo avaliações se determinado comportamento seria ou não “saudável”, tendem a sobrecarregar o cuidador sobrevivente, contribuindo para sentimentos de raiva, inadequação, culpa e confusão, especialmente quando as ideias de diferentes membros da rede de apoio são conflitantes. Salienta-

se que não existe uma forma certa e uma errada de vivenciar o luto (Lordello & Silva, 2021), sendo que cada pessoa deve ser apoiada no modo único como o experiencia, conforme suas particularidades.

A família ampliada pode exercer um papel importante como rede de apoio. No entanto, a compreensão sistêmica lembra que, quando uma pessoa morre, o sistema composto pela família nuclear não é o único afetado (McGoldrick & Walsh, 2014). Por exemplo, pais e irmãos daquele que se foi também vivenciarão o seu próprio processo de luto, o que provavelmente repercutirá no apoio disponível a filhos e companheiros enlutados (Schmidt et al., 2022).

História Multigeracional

Como já abordado, é possível que algumas famílias tenham maior dificuldade para lidar com o luto, devido aos mais diversos fatores. Nesses casos, a perda não é bem elaborada e há uma evitação do luto, o que é chamado de luto bloqueado (McGoldrick, 1998). Quando isso ocorre, observa-se uma tendência de que a dinâmica familiar se enrijeça, os sentimentos sejam negados e a família se isole.

O desenvolvimento familiar é ameaçado, portanto, como se a família permanecesse congelada naquele momento, o que impacta as gerações seguintes (McGoldrick, 1998). A construção de mitos para lidar com a perda e os processos de lealdade e delegação familiar desempenham funções importantes nesse contexto. Por exemplo, se a lealdade familiar do cuidador sobrevivente lhe demanda demonstrar indiferença frente à perda, visto que as gerações anteriores se portaram assim, essa pessoa pode não reconhecer ou não conseguir expressar seu sofrimento. Logo, há chance de seus filhos o perceberem distante e desconectado, abalando a coesão familiar. Dado que crianças e adolescentes comumente se inspiram em figuras parentais para saber como devem reagir (Asgari et al., 2021; Gorman & Arnold, 2017), é possível que esse processo também se repita na geração posterior e assim sucessivamente.

Por outro lado, quando a pessoa vivenciou perdas em sua família de origem que foram bem elaboradas, devido a seus níveis de coesão, flexibilidade e comunicação, esse pode ser um fator de proteção diante de novas perdas (Walsh, 2005). A sensação de proximidade entre os membros da família e a abertura comunicacional tornam mais fácil buscar e receber apoio, sendo isso transmitido através das gerações (Schmidt et al., 2022; Walsh, 2005).

Configuração Familiar

A configuração familiar é outro fator de interesse. No caso de pais divorciados em que o falecido não teve contato próximo com os filhos, tanto durante quanto antes da pandemia, sentimentos complexos tendem a ser vivenciados por crianças e adolescentes, bem como pelo ex-companheiro, que também pode ser abalado pela perda (McGoldrick & Walsh, 2014). Em tal contexto, sentimentos relativos ao divórcio e à qualidade do vínculo com essa figura parental costumam atravessar o luto.

Se a figura parental que morreu era aquela que tinha a guarda e exercia a função de cuidadora principal, a definição do novo guardião (p. ex., a outra figura parental ou um membro da família ampliada) comumente vem acompanhada da necessidade de se trabalhar as relações de crianças e adolescentes com esse cuidador, bem como entre as famílias ampliadas de ambos os lados (McGoldrick & Walsh, 2014). O processo de luto tende a ser particularmente desafiador para crianças e adolescentes que perderam todas as referências de cuidado parental na pandemia, seja pelo óbito de mães e pais, em famílias biparentais, ou do único cuidador em famílias monoparentais, pois, nesses casos, faz-se necessária a reorganização dos

cuidados na família ampliada ou o encaminhamento a instituições de acolhimento (Crepaldi et al., 2020; Gray et al., 2022; Roberts et al., 2023).

Infelizmente, devido à LGBTfobia ainda presente na sociedade, é possível que, no caso de configurações familiares homo ou transparentais, o apoio social se mostre particularmente fragilizado, tanto pelas condições de distanciamento social impostas na pandemia, quanto pelas vivências prévias, a exemplo de relacionamento conflituoso ou rompido com a família ampliada (Lucas et al., 2022; Salerno et al., 2020). Assim, destaca-se a necessidade de atenção à família de escolha e a outras possibilidades de apoio ou mesmo à mediação das relações com a família ampliada, para prevenir a sobrecarga da figura parental sobrevivente. Em linhas gerais, o processo de luto em configurações familiares homo ou transparentais comunga de similaridades e singularidades em relação aos arranjos cis-heterossexuais, porém, diante dos novos desafios que se somaram àqueles existentes previamente à COVID-19, salienta-se a vulnerabilidade dessas famílias no contexto pandêmico (Lucas et al., 2022).

Contribuições à Prática Sistêmica

Na atenção às demandas derivadas da perda de figuras parentais por crianças e adolescentes na pandemia de COVID-19, destaca-se a importância do cuidado centrado na família (Prime et al., 2023; Schmidt et al., 2022), que busca reconhecer as dores e os saberes de todos os membros, bem como evitar estigmas (Angelhoff et al., 2021). Nesse sentido, sessões familiares com a participação simultânea da figura parental sobrevivente e de crianças e adolescentes podem ser ocasiões em que todos têm a oportunidade de conversar sobre a perda e seus sentimentos. Não obstante, o cuidado ao sistema familiar como um todo tende a ser negligenciado na área de saúde mental, de modo que as manifestações comportamentais e socioemocionais apresentadas por crianças e adolescentes comumente são abordadas em atendimentos individuais (Prime et al., 2023). Entretanto, uma revisão sistemática sobre intervenções direcionadas a crianças e adolescentes enlutados pela perda da figura parental revelou como mais efetivas as propostas que envolviam a família e outras figuras de apoio, em comparação às intervenções individuais, possivelmente pelo suporte para lidar com as mudanças na dinâmica e no funcionamento do sistema familiar inerentes à perda (Bergman et al., 2017).

Conforme Humphrey e Zimpfer (2008), no atendimento a famílias enlutadas, é necessário avaliar a estrutura familiar e como ela foi impactada pelo óbito. Especial atenção deve ser destinada às fronteiras entre sistemas e subsistemas, bem como ao nível de diferenciação dos membros da família, antes e após a morte. Na vivência de perdas, as famílias tendem a se mostrar mais coesas, como uma estratégia para lidar com os desafios experienciados. Podem ser observados, portanto, emaranhamento e pouca diferenciação entre os membros. Embora esse movimento frequentemente seja visto como disfuncional em outras situações, ele representa uma resposta esperada e que tende a promover a resiliência, sobretudo no período inicial do processo de luto. Com o passar do tempo, porém, é importante que as fronteiras sejam redefinidas, abrindo espaço a cada membro da família e à diferenciação dos subsistemas. É possível, ainda, que baixos níveis de diferenciação já se mostrassem presentes antes da perda, o que também pode ser trabalhado no processo terapêutico.

A comunicação entre a figura parental sobrevivente e os filhos é outro importante objeto de intervenção clínica (Angelhoff et al., 2021; Shapiro et al., 2014). No processo terapêutico, é possível tratar tanto dificuldades comunicacionais devidas à redução da disponibilidade emocional e do tempo do cuidador sobrevivente, quanto aquelas presentes antes da perda. A terapia também pode ser um espaço propício para abordar as especificidades da comunicação de crianças e adolescentes, bem como desenvolver estratégias comunicacionais adequadas às diferentes faixas etárias. Terapeutas podem incentivar pais e filhos a falarem abertamente sobre os seus sentimentos, o que favorece o processo de luto (Oates & Maani- Fogelman, 2020) e auxilia a manutenção da crença em um futuro significativo, com efeitos ao longo da trajetória de vida (Lundberg et al., 2018). Isso se mostra especialmente importante no período de recuperação pós-pandemia, marcado por uma série de adversidades e instabilidades que transcendem à perda da figura parental nessas famílias, incluindo aspectos multissistêmicos, como um possível senso de desesperança em relações comunitárias e sociais, de modo mais amplo, visto que as famílias não existem em um vácuo (Prime et al., 2023).

O trabalho voltado à comunicação tende a ajudar as famílias na atribuição de sentido à perda. Nesse contexto, destacam-se algumas estratégias: estímulo ao compartilhamento de histórias, uso de técnicas que levem os membros da família a conversarem entre si e a falarem sobre a pessoa que se foi, utilização do questionamento circular e realização de sessões com membros da família ampliada (Nadeau, 2001). Assim, pode-se coletivamente construir novas regras sobre como interagir e vivenciar o luto. Iniciativas como essas se mostram especialmente relevantes na perspectiva de que o luto é tanto um processo familiar como individual, em que cada membro da família o vivencia de modo distinto, inclusive porque estabeleceu uma relação singular com a pessoa que se foi (Humphrey & Zimpfer, 2008). Considerando aspectos multissistêmicos, Prime et al. (2023) sugerem intervenções voltadas à construção de conectividade social e ao engajamento em atividades comunitárias como formas de favorecer a atribuição de sentido à perda, fortalecer a esperança e promover uma visão positiva sobre o futuro, nos casos de crianças, adolescentes e famílias que experienciaram situações traumáticas.

Atualmente, especialistas em luto acreditam que a pessoa que se foi não deva ser deixada para trás, mas que novas relações devam ser desenvolvidas, com base nas lembranças e na compreensão sobre a forma como ela impactou e seguirá impactando as vidas dos sobreviventes (McGoldrick & Walsh, 2014). White (2004) apresentou a metáfora do *Dizer Olá Novamente*, que busca favorecer um processo de *rememoração*, para refletir sobre como reincorporar e dar seguimento a essas relações, bem como diferenciar o que é importante manter vivo daquilo a que se pode dizer adeus.

A literatura sugere que as relações de crianças e adolescentes com a pessoa que se foi tendem a continuar, com a crença de que a figura parental falecida seria capaz de acompanhar suas ações e se comunicar mesmo após a morte (Clabburn et al., 2019). Na tentativa de ter mais controle sobre a própria experiência de luto, algumas crianças e adolescentes buscam intencionalmente a continuidade da relação, procurando estímulos que lembrem momentos vivenciados com a pessoa que se foi (p. ex.: objetos, fotos, vídeos, cartas, cheiros e lugares). Esse movimento, porém, nem sempre é compreendido pelo cuidador sobrevivente (Santos et al., 2021), que pode acreditar ser melhor se desfazer das lembranças, como se, com isso, pudesse apagar também o sofrimento pela ausência (Clabburn et al., 2019). A terapia,

portanto, é um espaço propício para se abordar demandas de crianças, adolescentes e adultos, respeitando-se suas diferenças e singularidades. A família também pode usá-la para elaborar estratégias que visem dar continuidade à relação, a exemplo da construção de uma *Caixa de Memórias*, contendo elementos que permitam lembrar a pessoa falecida e os momentos considerados especiais (Clabburn et al., 2019).

Além da caixa de memórias, outros rituais terapêuticos podem ser propostos a famílias de crianças e adolescentes que experienciaram a perda de figuras parentais na pandemia, os quais se mostram úteis no processo de reconstrução da identidade familiar (Humphrey & Zimpfer, 2008). Conforme discutido, a COVID-19 impôs mudanças a rituais de despedida e cerimônias fúnebres tradicionalmente realizadas pelas famílias, não tendo sido possível, em muitos casos, organizar formas consideradas significativas e respeitadas para dizer adeus e honrar a memória do familiar falecido (Crepaldi et al., 2020; Schmidt et al., 2022). Assim, família e terapeuta podem planejar conjuntamente uma atividade que faça sentido para aquele sistema e para as relações estabelecidas entre seus membros, tais como construir um memorial (Lordello & Silva, 2021), escrever uma carta ou transmitir objetos com valor emocional (Humphrey & Zimpfer, 2008). Passados aproximadamente três anos do período mais letal da pandemia no Brasil, esses rituais terapêuticos podem ser úteis, inclusive, para favorecer a atribuição de (novos) significados à perda por crianças e adolescentes (que, no presente, podem já ter se tornado jovens e adultos), considerando as mudanças cognitivas e emocionais vividas por eles desde o momento do óbito parental (Revet et al., 2018), bem como o dinamismo e a fluidez do processo de luto (Worden, 2018).

Tais aspectos se mostram relevantes sobretudo porque crianças e adolescentes costumam internalizar características, valores e metas da figura parental falecida, para orientar seus planos e comportamentos (Clabburn et al., 2019). Porém, é possível que esse processo traga sofrimento se foi internalizada uma imagem unidimensional (i.e., idealizada ou inteiramente negativa) ou se a internalização se transformou em medo de estar condenado ao mesmo destino. Conversar com outros sobreviventes sobre experiências compartilhadas e rememorar histórias felizes, engraçadas e desafiadoras contribui para a internalização de uma imagem multidimensional (i.e., de alguém com qualidades e defeitos). Tanto a imagem da figura parental falecida como a relação estabelecida com ela poderão ser revistas ao longo do desenvolvimento (Clabburn et al., 2019; Worden, 2018), de forma que o processo terapêutico representa um espaço promotor de reflexões a esse respeito.

Uma ferramenta interessante para abordar a história multigeracional da família e o impacto das mortes é o *Genograma*. Ele auxilia na identificação de padrões que se repetem nas diferentes gerações, além de crenças, mitos, legados e lealdades que podem atravessar a experiência da perda, contribuindo para a expressão de sentimentos e ideias (Humphrey & Zimpfer, 2008; McGoldrick, 1998). Por ser uma técnica lúdica que pressupõe envolvimento ativo, é especialmente útil para o trabalho com famílias de crianças e adolescentes (Santos & Gomes, 2018).

Em conjunto, o genograma e as demais técnicas anteriormente descritas podem favorecer os processos de luto. Porém, não é possível generalizar uma forma de cuidado a todas as famílias de crianças e adolescentes enlutadas, sendo necessário analisar as demandas singulares de cada caso, bem como o contexto em que se inserem. Nesse sentido, o terapeuta deve estar atento para também considerar aspectos referentes à cultura e ao nível socioeconômico, bem como questões étnico-raciais e de gênero.

Considerações Finais

O presente estudo analisou as possíveis implicações da perda de figuras parentais para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e sistemas familiares no contexto da COVID-19, trazendo considerações para a prática sistêmica com famílias. Como visto, a complexidade das demandas oriundas nesse contexto requer adaptações e inovações em ações e estratégias de cuidados. Embora a Organização Mundial da Saúde tenha decretado o fim da emergência de saúde pública em maio de 2023, milhares de famílias seguem vivenciando desdobramentos do luto no presente momento e, potencialmente, em médio e longo prazo (Paiva, 2023; Prime et al., 2023). Por se tratar de um processo não linear, o luto costuma ser revisitado durante a trajetória de vida, o que faz com que questões relativas a elas se tornem foco de intervenções terapêuticas, requerendo sensibilidade e preparo profissional para reconhecê-las e abordá-las, nas diversas formas em que se apresentam (Santos et al., 2021; Worden, 2018).

Como o luto consiste em um fenômeno multidimensional e dinâmico (Worden, 2018), comumente exige objetivos de intervenção diversos (Kaplow et al., 2019). Deve-se tomar o cuidado, porém, para não patologizá-lo, impondo uma uniformização sobre tempo cronológico e reações esperadas. É importante ponderar que, embora algumas famílias precisem de auxílio mais intensivo, a maior parte delas elabora o luto sem ajuda profissional, especialmente se tiver apoio da rede socioafetiva e recursos comunitários para favorecer a redefinição de planos e o fortalecimento da esperança. Por fim, recomenda-se a realização de estudos empíricos com famílias de crianças e adolescentes que sofreram a perda de figuras parentais no contexto da COVID-19 no Brasil, sobretudo os que considerem as repercussões do luto ao longo do tempo (i.e., longitudinais), incluindo particularidades socioculturais, étnico-raciais e loco-regionais do país, o que contribuiria para a proposição de estratégias de cuidado alinhadas às necessidades das famílias brasileiras.

Referências

- Angelhoff, C., Sveen, J., Alvariza, A., Weber-Falk, M., & Kreicbergs, U. (2021). Communication, self-esteem and prolonged grief in parent-adolescent dyads, 1-4 years following the death of a parent to cancer. *European Journal of Oncology Nursing*, 50, e101883. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2020.101883>
- Asgari, Z., Naghavi, A., & Abedi, M.R. (2021). Beyond a traumatic loss: The experiences of mourning alone after parental death during COVID-19 pandemic. *Death Studies*, 46(1), 78-83. <https://doi.org/10.1080/07481187.2021.1931984>
- Bergman, A. S., Axberg, U., & Hanson, E. (2017). When a parent dies – A systematic review of the effects of support programs for parentally bereaved children and their caregivers. *BMC Palliative Care*, 16(39), 1-15. <https://doi.org/10.1186/s12904-017-0223-y>
- Brasil. (2024, Janeiro). *COVID-19 no Brasil*. Infoms Saúde. https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html
- Bylund-Grenklo, T., Fürst, C. J., Nyberg, T., Steineck, G., & Kreicbergs, U. (2016). Unresolved grief and its consequences. A nationwide follow-up of teenage loss of a parent to cancer 6-9 years earlier. *Supportive Care in Cancer: Official Journal of the Multinational Association of Supportive Care in Cancer*, 24(7), 3095-3103. <https://doi.org/10.1007/s00520-016-3118-1>

- Claburn, O., Knighting, K., Jack, B. A., & O'Brien, M. R. (2019). Continuing bonds with children and bereaved young people: A narrative review. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 83(3), 371-389. <https://doi.org/10.1177/0030222819853195>
- Conselho Nacional de Saúde. (2021, Dezembro). *Órfãos da COVID-19: Mais de 115 mil menores de idade perderam os pais na pandemia, denuncia relatório do CNS e CNDH*. Conselho Nacional de Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2235-orfaos-da-covid-19-mais-de-113-mil-menores-de-idade-perderam-os-pais-na-pandemia-denuncia-relatorio-do-cns-e-cndh>
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Gorman, E., & Arnold, C. (2017). Death of a parent in childhood or adolescence. In C. Arnold (Ed.), *Understanding child and adolescent grief: Supporting loss and facilitating growth* (pp. 47-61). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315164250>
- Gray, T. F., Zanville, N., Cohen, B., Cooley, M. E., Starkweather, A., & Linder, L. A. (2022). Finding new ground – Fostering posttraumatic growth in children and adolescents following parental death from COVID-19. *Journal of Adolescent Health*, 70(1), 10-11. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.10.016>
- Humphrey, G. M., & Zimpfer, D. G. (2008). *Counselling for grief and bereavement*. Sage Knowledge. <https://doi.org/10.4135/9781446214800>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023, Junho). *De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões*. Agência de Notícias – IBGE. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>
- Jiao, K., Chow, A. Y. M., & Chen, C. (2021). Dyadic relationships between a surviving parent and children in widowed families: A systematic scoping review. *Family Process*, 60(3), 888-903. <https://doi.org/10.1111/famp.12610>
- Kaplow, J. B., Layne, C. M., Pynoos, R. S., & Saltzman, W. R., (2019). *Multidimensional grief therapy: A flexible approach to assessing and supporting bereaved youth*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316422359>
- Lordello, S. R., & Silva, I. M. (2021). The grief elaboration process in the pandemic scenario: A group intervention. In F. Gabrielli & F. Irtelli (Eds.), *Anxiety, uncertainty, and resilience during the pandemic period – Anthropological and psychological perspectives* (pp. 215-225). InTech Open. <https://doi.org/10.5772/intechopen.98837>
- Lucas, J. J., Bouchoucha, S. L., Afrouz, R., Reed, K., & Brennan-Olsen, S. L. (2022). LGBTQ+ loss and grief in a cis-heteronormative pandemic: A qualitative evidence synthesis of the covid-19 literature. *Qualitative Health Research*, 32(14), 2102-2117. <https://doi.org/10.1177/10497323221138027>
- Lundberg, T., Forinder, U., Olsson, M., Furst, C. J., Arestedt, K., & Alvariza, A. (2018). Bereavement stressors and psychosocial well-being of young adults following the loss of a parent: A cross-sectional survey. *European Journal of Oncology*, 35, 33-38. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2018.05.004>
- McGoldrick, M. (1998). Ecos do Passado: Ajudando as famílias a fazerem o luto de suas perdas. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.), *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 76-102). Artes Médicas.

- McGoldrick, M., & Walsh, F. (2014). Death, loss, and the family life cycle. In M. McGoldrick, B. Carter, & N. Garcia-Preto (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family, social perspectives* (pp. 274-288). Allyn and Bacon.
- Moore, C. (2018). Helping grieving children and adolescents. In E. Bui (Ed.), *Clinical handbook of bereavement and grief reactions* (pp. 189-216). Humana Press. https://doi.org/10.1007/978-3-319-65241-2_9
- Nadeau, J. W. (2001). Meaning making in family bereavement: A family systems approach. In M. S. Stroebe, R. O. Hansson, W. Stroebe, & H. Schut (Eds.), *Handbook of bereavement research: Consequences, coping, and care* (pp. 329-347). American Psychological Association.
- Oates, J. R., Maani-Fogelman, P. A. (2020). *Nursing grief and loss*. Stat Pearls Publishing.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Paiva, A. M. N. (2023). *Luto no contexto de perda de múltiplos familiares por COVID-19: Um estudo qualitativo* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal do Rio Grande.
- Prime, H., Walsh, F., & Masten, A. S. (2023). Building family resilience in the wake of a global pandemic: Looking back to prepare for the future. *Canadian Psychology*, 64(3), 200-211. <https://doi.org/10.1037/cap0000366>
- Rabenstein, S. (2017). Assessing grief and loss in children and adolescents. In C. Arnold (Ed.), *Understanding child and adolescent grief: Supporting loss and facilitating growth* (pp. 19-33). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315164250>
- Revet, A., Laifer, L., & Raynaud, J. P. (2018). Grief reactions in children and adolescents. In E. Bui (Ed.), *Clinical handbook of bereavement and grief reactions* (pp. 63-83). Humana Press. https://doi.org/10.1007/978-3-319-65241-2_4
- Roberts, K. J. S., Du Toit, S., Mawoyo, T., Tomlinson, M., Cluver, L. D., Skeen, S., Laurenzi, C. A., & Sherr, L. (2023). Protocol for the OCAJ study: A cohort study of orphanhood and caregiver loss in the COVID-19 era to explore the impact on children and adolescents. *BMJ Open*, 13(6), e071023. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-071023>
- Salerno, J. P., Williams, N. D., & Gattamorta, K. A. (2020). LGBTQ populations: Psychologically vulnerable communities in the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), S239-S242. <https://doi.org/10.1037/tra0000837>
- Santos, M. J. C., & Gomes, I. C. (2018). O uso do genograma como recurso expressivo e objeto mediador em grupo de crianças e adolescentes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 39(2), 197-212. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000200007&lng=pt&nrm=iso
- Santos, S., Sá, T., Aguiar, I., Cardoso, I., Correia, Z., & Correia, T. (2021). Case report: Parental loss and childhood grief during COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12, e626940. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.626940>
- Schmidt, B., Silva, I. M., Sehn, A. S., Aires, M. C., & Paiva, A. M. N. (2022). Perda, luto e resiliência na pandemia de COVID-19: Implicações para a prática com famílias. *Pensando Famílias*, 26(1), 3-17. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2022060000002

- Shapiro, D. N., Howell, K. H., & Kaplow, J. B. (2014). Associations among mother-child communication quality, childhood maladaptive grief, and depressive symptoms. *Death Studies*, 38, 172-178. <https://doi.org/10.1080/07481187.2012.738771>
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a resiliência familiar*. Roca.
- White, M. (2004). *Guias para uma terapia familiar sistêmica*. Gedisa.
- Williams, C. (2023). The relationship between perceived parental competence and bereavement outcomes in widows with young children. *Omega - Journal of Death and Dying*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/00302228231186354>
- Worden, J. W. (2018). *Grief counseling and grief therapy*. Springer Publishing Company.
- World Health Organization. (2024, Janeiro). *WHO COVID-19 dashboard*. <https://covid19.who.int/>

Endereço para correspondência

psi.beatriz@gmail.com

Enviado em 14/02/2024

1ª revisão em 09/05/2024

Aceito em 05/06/2024